

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MÉRTOLA
ESCOLA EB 2,3/ES DE S. SEBASTIÃO, MÉRTOLA
Ano Letivo 2014/2015

Psicologia B - 12º. Ano
As Relações Interpessoais

A Arte e a Arte da
Amizade

ARTE
de Yasmina Reza



Cena da peça «Arte» com os autores José Pedro Gomes e Miguel Guilherme

OBSERVAÇÃO DA PEÇA DE TEATRO *ARTE*, DE YASMINA REZA

Nome e nº. dos alunos: _____

Introdução

Professores Rui Kemp e Maria do Céu Kemp

A Arte e a Arte da Amizade

A propósito de arte contemporânea, três amigos reconhecem-se no valor das relações humanas e compreendem o significado verdadeiro da amizade.

António Feio encenou a peça, interpretada por si e por José Pedro Gomes e Miguel Guilherme, que marca a estreia absoluta de Yasmina Reza em Portugal. Trata-se de um encontro entre três grandes amigos que, a propósito do investimento de um deles numa peça de arte contemporânea, acabam por discutir questões de fundo da sociedade atual partindo de premissas como esta, dita pelo investidor: **«O meu amigo Mário é um sujeito inteligente, um sujeito por quem, há muitos anos, tenho uma grande estima. Tem uma ótima situação, é engenheiro aeronáutico, mas faz parte desses novos intelectuais que não se dão por satisfeitos por serem inimigos da modernidade e que, incompreensivelmente, têm vaidade em se afirmarem como tal. Nos últimos tempos, estes adeptos dos bons velhos tempos têm vindo a mostrar uma arrogância completamente absurda.»**

Uma tela branca com umas vagas riscas transversais, assinada por um artista de vulto (um nome fictício, Antrios), pela qual Sérgio (António Feio) deu alguns milhares de contos, é o motivo que desencadeia as discussões com Mário (José Pedro Gomes), um radical aceso contra a arte contemporânea e Ivo (Miguel Guilherme), uma pessoa com opiniões menos definidas que sustenta que a arte depende daquilo que se vê nela.

Para António Feio, «o quadro é um pretexto para se pôr em causa a relação entre os personagens e o modo de estar de cada um. As opiniões que eles têm sobre a arte refletem-se realmente na sua amizade e na visão geral que têm do mundo». A peça é essencialmente «irónica utilizando um discurso divertido e ao mesmo tempo cruel», cujo grande trunfo é «falar sobre relações humanas e sobre o modo como as pessoas reagem em função das opiniões dos outros».

O encontro destes «outros», amigos de trabalho na vida real, constitui, para o encenador, parte essencial desta produção: ao ler a peça, António Feio decidiu juntar amigos para a fazer: João Paulo Xavier para o desenho de luz, António Jorge Gonçalves (e Anne Sobotta) para a realização plástica e Paulo Curado para a música. E pensou de imediato em José Pedro Gomes, ator com quem tem trabalhado com frequência (**Inox e Conversa da Treta**, entre outras), em Miguel Guilherme, uma das pessoas com quem trabalhou mais recentemente mas amigo de longa data, e em Virgílio Castelo, com quem fez **Vincent**. Por indisponibilidade deste, acabou por ser António Feio a interpretar uma personagem que, como diz, até talvez não fosse óbvio para si.

A composição de personagens foi essencialmente baseada no texto de Yasmina Reza, e aquilo que foi pedido aos atores, como conta António Feio, foi dirigida num sentido de relativa transgressão das características habituais dos atores: «Qualquer pessoa que tenha mais ou menos acompanhado o nosso percurso artístico consegue ver neste trabalho (e noutros anteriores) características completamente diferentes. Mesmo que a linha de atuação não seja muito diversa, o processo de construção das personagens foi uma das partes mais interessantes deste espetáculo.»

Yasmina Reza escreveu **Arte** em 1994, peça que teve estreia mundial na *Schaubuehne* de Berlim no ano seguinte, seguindo-se o *Théâtre des Champs Elysées*, e que já conheceu várias versões montadas no *West-End* londrino. Reza ganhou em 1987 o Prémio *Molière* para melhor autora, o Prémio *Johnson Foundation*, e foi de novo nomeada para o primeiro em 1988, na categoria de melhor adaptação da versão de Stephen Berkoff da obra de Kafka, **A Metamorfose** (*Théâtre Gymnase*); em 1995, ganhou o Prémio *Molière* para o melhor autor por **L'Homme du Hasard**, encenada por Patrice Alexandre no *Théâtre Herbertot*.

António Feio reconhece ter-se transformado num fã do trabalho de Yasmina Reza, autora capaz de construir a peça no contexto de temáticas de pertinência contemporânea «**com grande inteligência**». Daí que a sua principal preocupação na construção do espetáculo tenha passado pelo reconhecimento da sua estrutura de comédia: «**Por termos reconhecido que o espetáculo funciona como uma comédia, decidimos desenvolver a comicidade nas situações e não nos personagens. Quisemos divertir as pessoas como a peça o exige mas da forma mais crível e humana possível.**» *Arte* continua a linha de trabalho que António Feio reconhece ter desenvolvido como encenador e ator: «Peças divertidas e de acesso fácil que não condescendem em termos de qualidade e mantêm o público interessado.»

Recapitulando, a peça de teatro «*Arte*», da autoria de Yasmina Reza, brilhantemente adaptada para a versão portuguesa, conta com as atuações de António Feio, José Pedro Gomes e Miguel Guilherme que representam uma relação de amizade entre três personagens (Sérgio, Mário e Ivo) em torno de uma obra de arte, um quadro, da autoria de um artista fictício contemporâneo, Antrios, adquirido por um dos amigos (Sérgio, dermatologista) por uma quantia exorbitante, seis mil contos (cerca de 30 mil euros na atualidade); o quadro é branco, inteiramente branco, com alguns tons ligeiramente brancos ou algumas linhas transversais de cor branca pouco nítidas. Bem vistas as coisas, enfim, é um quadro branco...

Mário sente-se profundamente perturbado e incomodado com esta aquisição por parte do seu amigo Sérgio. Ivo, que representa uma personagem com uma vida triste e desgraçada, encontra-se no fogo cruzado entre os dois amigos em discussão.

Contrariamente ao que se podia pensar, a peça não é acerca de *Arte*, discorre antes sobre o valor ético da amizade, do significado profundo deste sentimento humano que é indispensável para as relações interpessoais e de convivência, e aprofunda o significado psicológico das forças que nos levam a aproximar ou a afastar uns dos outros nas relações de intimidade. O quadro serve, pois, de *pretexto* para analisar ao longo da peça o que une e separa amigos de longa data, entre o bom humor simples e a inteligência refinada do riso, constitui um verdadeiro teste e revelação da sua relação amigável. O quadro é o objeto de discórdia entre os amigos. Mero meio.

Por outro lado, não deixam de estar presentes na peça de Yasmina Reza vários elementos que pertencem ao domínio de questões da estética. Como avaliar uma obra de arte? O que é uma obra de arte? O que distingue arte do que não é arte? Que critérios, conceitos, presidem à avaliação da arte? Será que em última análise a arte só pode ser avaliada em função do critério do gosto subjetivo de cada contemplador, espectador ou fruidor da arte? O juízo «eu gosto deste quadro» ou «eu não gosto deste quadro» encerra toda e qualquer questão em matéria de arte? Se tudo em arte for uma questão de gosto pessoal, subjetivo e individualista, então, a arte seria, esteticamente, vazia de questões ou problemas - a arte não seria discutível. Existe outra possibilidade para além da subjetividade absoluta em questões de arte? É possível analisar e discutir arte segundo critérios objetivos? Todas estas questões estéticas, a par do valor ético da amizade, estão igualmente presentes na obra de Yasmina Reza. Este domínio especulativo é filosófico, não se inscreve no plano da investigação psicológica.

Com efeito, em arte, não há gato nem cão que não queira dar a sua opinião. A peça de teatro em questão estabelece, no âmbito da estética, um confronto importante: uma visão do senso comum acerca da arte contemporânea (Mário, engenheiro aeronáutico) e uma perspetiva estética de análise objetiva da arte (Sérgio).

Contudo, a trama de toda a peça passa rapidamente do gosto estético para a consideração do que leva cada um de nós a gostar de uma pessoa e a manter uma relação amigável e íntima com ela. O que nos leva a gostar das pessoas por quem nos tornamos amigos? O que significa, para nós, a amizade? Aprender a gostar das pessoas, apenas por elas próprias, é uma resposta possível.

Veja e aprecie a peça, depois, descubra por si mesmo (e em si mesmo) o que significa para si a amizade e o que faz de uma pessoa um verdadeiro amigo.

INFORMAÇÃO DE SUPORTE - O VALOR ÉTICO DA AMIZADE

Principais tópicos acerca da noção de Amizade

- A amizade é uma forma de virtude, inclui em si a justiça, concórdia, amor benevolente e nobreza;
- Os sentimentos do bom, agradável (prazer) e a utilidade são a base da amizade e esta só existe quando esses sentimentos são recíprocos;
- Para que a amizade seja possível, deve haver benevolência mútua, cada pessoa deseja o bem da outra e cada pessoa deve ser consciente, reconhecer, os sentimentos da outra nessa relação;
- A «*philia*» é um sentimento de intimidade entre duas pessoas e, por extensão, uma relação de comunicação entre todos os seres vivos que é indispensável à vida;
- Há três tipos de amizade, de acordo com Aristóteles, consoante os objetos de afeto humano:
 - (a) - Amizade de utilidade mútua, de curta duração, pois termina quando as necessidades ou capacidades de uma das partes mudam;
 - (b) - Amizade de prazer mútuo, mais comum entre os jovens e nas relações sociais em geral, uma pessoa não é amiga de outra, mas só pelo prazer que cada uma proporciona à outra;
 - (c) - A amizade baseada no bem ético, comum aos homens de virtude ou excelência semelhante, desejam o bem um do outro, funda-se na bondade pessoal, é a amizade perfeita e mais estável e também muito rara, precisa de tempo e intimidade.

A amizade, mais do que um sentimento, é uma disposição do caráter, uma atividade virtuosa, implica afeto recíproco e escolha deliberada, é uma relação de igualdade afetiva: amar o nosso amigo é amar o nosso próprio bem, pois o homem bom, pelo simples facto de ser amigo de outro, transforma-se no bem desse outro. Cada amigo ama o seu próprio bem e equilibra a balança ao desejar o bem do outro. Há algum egoísmo na amizade.

Na verdadeira aceção do termo, só podemos chamar amizade à relação ética que existe entre pessoas de caráter virtuoso ou bondoso, a forma perfeita de amizade; as outras duas formas de amizade são assim designadas apenas por analogia ou metáfora, pois tanto o prazer como a utilidade permitem a degradação da relação por motivos baixos, são formas imperfeitas de amizade.

A igualdade é a essência da amizade, implica uma proporção, entre o dar afeto e receber afeto. A base da amizade harmoniosa é a **auto-estima** (gostar de si próprio, ter uma boa imagem de si, aliás, quem não está bem consigo próprio não pode estar bem com os outros e muito menos desejar o bem dos outros). Assim, as características que definem um amigo **em relação ao seu amigo** são as seguintes:

- (1) - o que deseja e faz o bem, ou o que lhe parece ser o bem, de outra pessoa, por essa mesma pessoa;
- (2) - o que deseja a vida e existência de outra pessoa por essa mesma pessoa;
- (3) - o que passa todo o seu tempo na companhia de outra pessoa;
- (4) - o que partilha os mesmos ideais e desejos de outra pessoa;
- (5) - o que partilha todas as alegrias e desgostos de outra pessoa.

Por outro lado, a **auto-estima** é um sentimento que faz parte da atitude de um homem virtuoso *para consigo próprio*, apresentando as seguintes características:

- (1) - um homem bom deseja e faz o que é bom para si próprio;
- (2) - Deseja a sua própria vida e segurança;
- (3) - passa algum do seu tempo consigo próprio e sente-se feliz ao fazê-lo;
- (4) é coerente no seu modo de julgar, está em harmonia consigo mesmo;
- (5) - tem uma consciência plena dos seus próprios prazeres e desgostos.

A amizade é essencial para a vida, para o desenvolvimento da felicidade e da vida boa, a vida ética, porque os amigos dão a um homem bom a oportunidade de praticar atos generosos e virtuosos. A amizade também ajuda uma pessoa a desenvolver o seu carácter moral, através do seu relacionamento com homens bons, porque um homem bom só pode ser verdadeiramente bom na companhia de outros homens bons. Como o homem é um animal social necessita da amizade e companhia de outros seres humanos e não pode encontrar a felicidade se levar uma vida de recluso ou isolamento. Não fazemos muito amigos na vida, os verdadeiros amigos são poucos e raros, «contam-se pelos dedos» como se costuma dizer, daí que só seja possível realizar a *amizade autêntica* com um número pequeno de amigos, é impossível simpatizar com as alegrias e tristezas de muitas pessoas. A intimidade da partilha de afetos, o tempo para partilhar os sentimentos e a compreensão dos amigos entre si, exigem um número reduzido de amigos. O nosso amigo é um outro «eu», um tesouro, que devemos preservar e fazer com que os amigos dos nossos amigos conservem a amizade entre si. Os verdadeiros amigos são aqueles que nos acompanham nas horas de adversidade e de prosperidade, quer para nos ajudarem, quer para com eles partilharmos as nossas alegrias. Através da amizade entre si, os homens bons encontram uma fonte de prazer e aumentam a sua bondade.

INFORMAÇÃO DE SUPORTE - O VALOR PSICOLÓGICO DA AMIZADE

A amizade é uma relação interpessoal que revela aspetos psicológicos interessantes ligados ao processo de atração. Existem alguns fatores de ordem psicológica que potenciam a **atração**: a *aparência física*, a *proximidade dos contactos sociais*, a *afinidade de atitudes* e a *familiaridade*. A amizade é também uma relação de **intimidade**, variável na emoção e no tipo de compromisso, mas que não envolve um relacionamento de tipo sexual: *gostar e amar* são palavras que pretendem separar a amizade do amor (um aspeto que divide ainda os psicólogos). A amizade pode assumir diferentes tonalidades de afeto, partilha e apoio mútuo, desde o nível superficial, passando pela utilidade ou interesses comuns, até ao nível de reciprocidade e de *expetativas* centrais na relação amistosa. Lealdade e confiança são dois dos valores mais estimados entre amigos. A **idade** do desenvolvimento psicológico também permite distinguir relações filiais distintas (infância, adolescência e adultez). Outros fatores relevantes na amizade são o **género** masculino e feminino, o **contexto sociocultural** e a **idiosincrasia** (as características da personalidade de cada indivíduo).

A existência de uma rede de amizades representa um suporte psicológico importante para o equilíbrio emocional das pessoas e a sua rutura representa um risco. Não é fácil fazer amigos verdadeiros e nunca é uma escolha fácil terminar uma amizade de longa duração. Um dado relevante das investigações feitas em psicologia: pessoas com uma rede de amizades consolidada tendem a ser mais positivas face à vida e a viver mais: revelam maior resiliência.

Texto de Apoio

"Uma vida boa, conforme foi descrita por Aristóteles no Livro VIII da *Ética a Nicómaco*, culmina na virtude da *amizade*. É aqui que as atividades da pessoa são caracterizadas não pela mera obediência às leis do dever, mas por uma certa espontaneidade que é a expressão dos seus desejos e que encontra realização numa partilha mútua das melhores coisas da vida. A base da amizade encontra-se no instinto natural de parentesco que se encontra presente, pelo menos até certo ponto, até mesmo nos animais inferiores, nos quais se verifica uma espécie de ligação mútua entre os pais e os filhos. Ao nível humano, pode ser encontrada na atração que os membros do sexo oposto sentem uns pelos outros, e na atitude que as pessoas têm em relação aos seus parentes, em contraste com o seu comportamento para com os estranhos.

Aristóteles critica especialmente os tipos hedonistas de amizade, em que o interesse de uma pessoa pelo seu amigo é o prazer ou o lucro económico que poderá obter para si própria. Isto, segundo Aristóteles, é absolutamente indigno do homem bom. Na verdade, a amizade baseada em motivações hedonistas ou egoístas é bastante comum - mas as amizades deste tipo são geralmente de curta duração. Logo que a pessoa deixa de obter esses benefícios, a amizade termina.

Em contraste com os tipos hedonistas de amizade, Aristóteles propõe um conceito de amizade baseado em motivos mais elevados. Embora o prazer e outras vantagens não sejam necessariamente excluídos, não é por causa deles que se formam amizades. Pelo contrário, é o valor dos indivíduos nelas envolvidas que constitui a base sobre a qual essas amizades são formadas e mantidas. Derivam do reconhecimento recíproco, por parte de duas pessoas, desse valor em cada uma delas e conduzem ao *amor* e dedicação mútuos. O valor pessoal de um indivíduo consiste no desenvolvimento, dentro de si, das qualidades espirituais na prudência, eficiência e refinamento. Consiste no uso das suas capacidades naturais como instrumentos para a realização da *verdade*, da *beleza* e da *bondade*. Estas são as qualidades que transcendem as questões temporais da vida quotidiana e dão à existência algo de significado eterno. Quando uma pessoa vê esses valores noutra, sente-se atraída para essa pessoa por algo que tem um valor duradouro e, por isso, a amizade não cessa se ocorrerem dificuldades ou azares. Por outras palavras, o amigo é uma finalidade em si próprio (uma pessoa com valor intrínseco) e não essencialmente um meio de enriquecimento da vida da outra pessoa.

Podem ocorrer amizades deste tipo numa ampla diversidade de circunstâncias. Quando existe este relacionamento entre marido e mulher, torna-se a base de um casamento ideal. Entre os pais e os filhos, em que as realizações são de proporção desigual, o dar e o receber serão em quantidades diferentes e numa proporção dirigida para a igualdade. A amizade é também a base para uma vida comunitária ideal, em que cada membro da sociedade faz a sua contribuição para o bem-estar do grupo e, por sua vez, vê a sua própria vida enriquecida através da participação e das realizações de outros. Há três tipos de amizade para Aristóteles: 1)- amizades baseadas na utilidade mútua; 2)- amizades baseadas no prazer mútuo e 3)- as amizades entre homens bons de virtude e que desejam o bem um do outro, por causa do outro e não por qualquer motivo menor - só este último tipo de amizade é perfeito e estável e apresenta um valor ético.

Se o egoísmo deve ser condenado, deve-se também considerar-se que uma ação pode ser simultaneamente egoísta e altruísta. Por outras palavras, será possível harmonizar o amor a si próprio com o amor aos outros? Há dois tipos de interesse próprio: o tipo de auto-estima que exclui o bem-estar dos outros e o tipo de auto-estima que inclui o bem dos outros; o primeiro tipo de egoísmo deve ser excluído e o último deve ser louvado. Quando uma pessoa identifica os seus interesses próprios com o bem-estar dos outros, está a realizar um bem maior e mais completo, e é este tipo de individualismo, que constitui o seu «eu» real, que é geralmente considerado como o seu ideal."

(HILLEGASS, K. C., *Cliffs Notes on Aristotle's Ethics*, Nebraska, USA, 1966)

QUESTÃO ORIENTADORA

Elabore uma reflexão crítica fundamentada e pessoal acerca do valor ético e psicológico da amizade a partir dos elementos fornecidos neste Guião e da observação da peça "Arte".